



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,  
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**A ARTE DE INCLUIR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

**MARILENE HERCULANO DE OLIVEIRA**

BRASÍLIA/2011



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**MARILENE HERCULANO DE OLIVEIRA**

## **A ARTE DE INCLUIR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Depto. de Psicologia e Desenvolvimento Humano - PED/IP - UAB/UnB - Pólo de Ipatinga.

Orientadora: Professora Dra. Sílvia Ester Orrú

BRASÍLIA/2011

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

MARILENE HERCULANO DE OLIVEIRA

### **A ARTE DE INCLUIR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 30/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

---

SÍLVIA ESTER ORRÚ (Orientadora)

---

WANDA MARIA DE FARIA (Examinadora)

---

MARILENE HERCULANO DE OLIVEIRA (Cursista)

BRASÍLIA/2011

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a todos aqueles que direta ou indiretamente me ajudaram, me incentivaram, me apoiaram na difícil tarefa de realizá-lo.*

*Sem vocês não seria fácil vencer os desafios encontrados pelo caminho.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela vida, pela minha existência e, por ter nos fortalecido na elaboração deste trabalho.

A minha família, pelo apoio e incentivo nos momentos de dificuldades.

Aos tutores, amigos e colegas que, através de seus conhecimentos, apoio, dedicação e paciência auxiliaram na realização desse trabalho.

Aos profissionais, pais e alunos da escola de realização da pesquisa pela colaboração e compromisso pela educação de qualidade para todos.

A todos aqueles, não mencionados aqui, mas que colaboraram direta ou indiretamente para a concretização deste projeto.

## RESUMO

A pesquisa teve por objetivo conhecer melhor o processo de inclusão, analisando na prática o direito dos alunos com necessidades educacionais especiais de frequentarem as turmas regulares e verificando as maiores dificuldades e anseios enfrentados pelos professores, pais e alunos. O presente trabalho é resultado do estudo realizado numa escola municipal de Ipatinga/MG. Essa instituição situa-se na periferia desse município, oferecendo o Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos. Ela se destaca por atender aos alunos com necessidades educacionais especiais, sendo polo no atendimento a alunos com deficiência visual. A pesquisa teve como interlocutores as autoras Maria Teresa Eglér Mantoan, Selma Inês Campbell e documentos legais que permeiam a educação inclusiva. Para realizar o estudo foi adotado o método qualitativo, tendo como instrumentos o questionário e a entrevista. A aplicação dos questionários foi realizada com os professores e entrevistas para pais, alunos e diretora da escola. Os dados coletados foram analisados tendo em vista os objetivos do trabalho. Os resultados demonstraram que é possível, apesar das dificuldades e desafios, incluir alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular, atendendo assim aos anseios e expectativas da família e dos discentes. Nesse sentido, um caminho apontado pelos participantes da pesquisa, é a formação permanente dos professores, considerando que estes, são fundamentais para o desenvolvimento de um trabalho que visa a educação para todos. A efetivação da inclusão escolar é condição premente para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Portanto há um longo caminho a percorrer, pois existe ainda o preconceito e a discriminação, sendo que muitas pessoas não são respeitadas em suas singularidades e necessidades.

**Palavras-chave:** inclusão, educação e desafios.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>05</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>13</b>
1. 1. Refletindo sobre a diversidade.....	13
1. 2. Deficiências, preconceito e inclusão .....	15
1. 3. Contribuições da abordagem histórico-cultural para a educação inclusiva .....	16
1. 4. Inclusão escolar: educação de qualidade para todos .....	18
1. 4.1. O papel do professor num contexto inclusivo .....	21
1. 4.2. A família e a educação inclusiva .....	23
<b>II – OBJETIVOS .....</b>	<b>25</b>
<b>III – METODOLOGIA .....</b>	<b>26</b>
<b>IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>33</b>
<b>V – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>53</b>
A – Questionário para professores .....	53
B – Entrevista com a diretora da escola .....	57
C – Entrevista com pais de alunos .....	58
D – Entrevista com os alunos com necessidades educacionais especiais .....	59
<b>ANEXOS .....</b>	<b>60</b>
A- Carta de Apresentação – Escola .....	60
B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Diretora .....	61
C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais .....	63

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1. Número de professores entrevistados em relação ao ensino em que atuam ..</b>	<b>28</b>
<b>Quadro 2. Ano escolar, em 2010, dos alunos entrevistados com necessidades educacionais especiais .....</b>	<b>28</b>
<b>Quadro 3. Cronograma de realização das entrevistas .....</b>	<b>30</b>
<b>Quadro 4. Concepções dos pais sobre a inclusão escolar e social dos alunos com necessidades educacionais especiais .....</b>	<b>40</b>
<b>Quadro 5. Concepções dos alunos sobre seu próprio processo de inclusão escolar e social .....</b>	<b>41</b>
<b>Quadro 6. Concepções da diretora sobre a inclusão escolar e social dos alunos com necessidades educacionais especiais .....</b>	<b>42</b>
<b>Quadro 7. Protocolo de registro das observações durante a aula de Educação Física ...</b>	<b>42</b>



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Idade .....	33
Tabela 2 – Sexo .....	33
Tabela 3 – Formação acadêmica .....	34
Tabela 4 – Tempo de docência .....	34
Tabela 5 – Ensino em que atua .....	34
Tabela 6 – Acesso a temas sobre inclusão durante a graduação .....	35
Tabela 7 – Qualidade da formação sobre inclusão durante a graduação .....	35
Tabela 8 – Participação em cursos sobre inclusão escolar .....	35
Tabela 9 – Visão sobre inclusão escolar .....	36
Tabela 10 – Número de professores que tem alunos com necessidades educacionais especiais em suas turmas regulares .....	36
Tabela 11 – Avaliação da participação dos alunos com necessidades educacionais especiais nas turmas regulares .....	36
Tabela 12 – Capacidade de todos os alunos aprenderem .....	37
Tabela 13 – Utilização de estratégias diferenciadas.....	37
Tabela 14 – Maior dificuldade para trabalhar a educação inclusiva .....	38
Tabela 15 – Preparação da escola para a inclusão .....	38
Tabela 16 – Sujeito mais resistente à inclusão escolar .....	38
Tabela 17 – Condição mais relevante para a efetivação da inclusão escolar .....	39

## APRESENTAÇÃO

A diversidade é o tempero que dá sabor a nossa sociedade, atravessando os muros da escola, enriquece este ambiente e contribui para reflexões a respeito das relações educacionais, em especial a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular.

A presença dos alunos com necessidades educacionais especiais é uma realidade na escola regular, portanto é preciso encontrar caminhos para atendê-los com responsabilidade e qualidade. A inclusão no ensino regular é um direito desses alunos e um dever do estado.

Com muita luta as pessoas com necessidades educacionais especiais, foram ganhando espaço e preocupações do estado, conquistando assim direitos, como de frequentar uma instituição escolar.

Atualmente ao aluno com necessidades educacionais especiais é garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 o direito de frequentar classes regulares de ensino, em que sejam garantidas as condições necessárias para o seu pleno desenvolvimento.

É claro que mesmo sendo garantido pela legislação, o acesso dos alunos com necessidades educacionais especiais nas escolas regulares não é tão fácil. Muitos estão longe da escola, ainda prevalecem práticas preconceituosas e muito pouco tem sido feito para atender esses alunos diante de tantas necessidades.

Incluir, portanto, não é apenas garantir a matrícula no ensino regular para os alunos com necessidades educacionais especiais, mas sim possibilitar as condições adequadas para que eles possam se desenvolver plenamente.

A efetiva inclusão, que é necessária e urgente, tem se tornado um grande desafio para as instituições educacionais. Professores, coordenadores, diretores, pais e alunos sofrem com as dificuldades encontradas no dia a dia da escola, sentem-se perdidos e inseguros diante das decisões a serem tomadas. Incluir significa então, oportunizar a igualdade para que todos possam aprender e fazer a diferença na sociedade, sendo pessoas participativas e atuantes.

O tema da pesquisa “A arte de incluir: desafios e possibilidades” surgiu da necessidade de compreender de forma mais profunda como acontece o processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais no Ensino Fundamental, analisando as

principais dificuldades enfrentadas pelos envolvidos no setor educacional, buscando alternativas para tornar o sonho da inclusão, uma realidade.

O processo de inclusão é um grande desafio, permeado por dificuldades que existiram e continuarão a existir, portanto uma educação de qualidade para todos só será realidade na medida em que cada envolvido cumprir bem suas tarefas, exigindo que os outros façam o mesmo. Assim é possível ver a lei saindo do papel e beneficiando aqueles que necessitam de respeito e oportunidade.

Mesmo diante das dificuldades, do grito de socorro de muitos, muitas escolas têm caminhado em direção a inclusão. Esses passos tornarão mais firmes na medida em que a escola repensar o currículo, rever práticas docentes e incentivar/investir na formação continuada dos profissionais.

O professor deve sempre avaliar e analisar sua prática, buscando mudanças para melhor atender aos alunos. Foi exatamente isso que aconteceu comigo. Como educadora há mais de uma década, percebo como aprendi a lidar e respeitar os alunos com necessidades educacionais especiais. No início da carreira, como muitos profissionais, insegura e inexperiente, não acreditava na capacidade desses alunos. De forma preconceituosa, percebia apenas sua socialização, no entanto oferecia muito pouco, ou nada para que eles desenvolvessem outras habilidades e competências.

Com o tempo, a presença desses alunos nas turmas regulares, sem grande sucesso, começou a me incomodar e compreendi que era preciso fazer algo a mais. Foi difícil compreender que eles precisavam de situações diferenciadas para aprender. Hoje, diferente de anos atrás, mesmo com todas as dificuldades, procuro ajudá-los a vencer as barreiras do cotidiano escolar.

Os vários atores envolvidos nesse processo, assim como a pesquisadora, enfrentam várias dificuldades no dia a dia da inclusão. Os pais nem sempre aceitam que seus filhos são diferentes, portanto não compreendem que eles não se desenvolvem no mesmo tempo e da mesma forma que os demais. Além disso, muitas vezes eles acreditam que a escola não está cumprindo o seu papel, entrando em confronto com a mesma.

Os professores por sua vez, sofrem porque não sabem lidar com tais alunos; as salas superlotadas impedem um atendimento pedagógico mais específico. A cobrança da secretaria

de educação, aliada à dificuldade do educador de atender ao aluno com necessidades educacionais especiais, acaba frustrando o profissional.

Em meio a tantas dificuldades é preciso com sabedoria, descobrir algumas possibilidades para garantir uma educação de qualidade para todos. Entre elas destacam: a formação permanente dos profissionais de educação e a integração entre a família e a escola.

Esse trabalho trouxe uma reflexão sobre a inclusão escolar, demonstrando os avanços e experiências significativas neste contexto e investigando novas possibilidades de inclusão. Todo este conhecimento aliado à análise da pesquisa de campo realizada numa escola municipal de Ipatinga/MG através de observações da pesquisadora e utilizando questionários e entrevistas com diretor, pais e alunos, contribuíram para a sensibilização e conscientização de todos os envolvidos na educação, que fazendo sua parte, é possível escrever novos capítulos da educação inclusiva.

O trabalho foi dividido em partes. A primeira parte corresponde a Fundamentação Teórica foi organizada em quatro tópicos, tendo como interlocutores as autoras Maria Teresa Eglér Mantoan, Selma Inês Campbell e documentos legais relacionados à educação inclusiva. No primeiro tópico “Refletindo sobre a diversidade”, buscou-se compreender que a sociedade é formada por pessoas diferentes, e que para viver em coletividade é preciso aprender a respeitar as diferenças, valorizando a diversidade social.

O segundo tópico “Deficiências, preconceitos e inclusão” levou-nos a perceber que as pessoas com necessidades especiais, são diferentes, no entanto, capazes. É preciso eliminar o preconceito que ainda existe em relação a essas pessoas e contribuir para a verdadeira inclusão. O terceiro “Contribuições da abordagem histórico-cultural para a educação inclusiva” enfatizou como se dá o processo de aprendizagem pelas diferentes pessoas, tendo como referência a abordagem histórico-cultural de Vygotsky. O último “Inclusão escolar: Educação de qualidade para todos, dividida em dois itens, analisou a legislação referente à inclusão escolar, o papel de professores e da família nesse processo.

Na segunda parte encontram-se os Objetivos do trabalho. A terceira é dedicada à metodologia, destacando a fundamentação teórica, contexto, participantes, materiais e instrumentos utilizados na realização da pesquisa, bem como, os procedimentos de construção e análise de dados. Posteriormente, têm-se os Resultados e Discussão, onde os dados coletados são analisados em consonância com a Fundamentação Teórica e com os objetivos

do trabalho. Por fim encontram-se as Considerações Finais e, em seguida, as Referências, Apêndices e Anexos, que fundamentam e dão credibilidade à pesquisa.

O processo de inclusão realmente é complexo, no entanto é possível e necessário para a garantia de uma sociedade mais justa e igualitária.

# I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 1.1. Refletindo sobre a diversidade

Cada pessoa é um ser único, dotado de capacidades, experiências, necessidades; que a torna diferente de seus semelhantes.

As sociedades contemporâneas são heterogêneas, composta por diferentes grupos humanos, interesses contrapostos, classes e interesses culturais em conflito... Enfim, de homens que se relacionam por meio de um conjunto de atitudes, crenças, hábitos e valores orientados pela cultura onde estão inseridos.

Como as pessoas não são iguais e suas histórias distintas não se pode esperar que todos atendam aos padrões impostos pela sociedade. O ser humano se desenvolve através das trocas de experiências, em contato com as diferenças. Mantoan (2001, p. 97) afirma que “são as diferenças que enriquecem e humanizam a vida.”

Respeitar essas diferenças é o caminho para valorizar as capacidades de cada um, compreendendo que todos podem contribuir, com suas singularidades, positivamente para o crescimento dos grupos dos quais faz parte. De acordo com Kelman (2009, p. 6), “felizmente existem diferenças entre as pessoas e as singularidades estão presentes para dar cores e matizes à aquarela do tecido social.”

A diversidade faz parte do acontecer humano. De acordo com Lima (2006, p.17)

Diversidade é norma da espécie humana: seres humanos são diversos em suas experiências culturais, são únicos em suas personalidades e são também diversos em suas formas de perceber o mundo. Seres humanos apresentam, ainda, diversidade biológica. Algumas dessas diversidades provocam impedimentos de natureza distinta no processo de desenvolvimento das pessoas (as comumente chamadas de “portadoras de necessidades especiais”). Como toda forma de diversidade é hoje recebida na escola, há a demanda óbvia, por um currículo que atenda a essa universalidade.

Para que haja respeito à diversidade na escola é necessário que todos sejam reconhecidos como iguais em direitos e deveres. Daí a necessidade de negociações permanentes para que todos façam concessões e todos tenham ao menos parte dos seus interesses e valores contemplados no espaço público da escola. No entanto não se pode esquecer do valor dessa diversidade nesse ambiente dinâmico e de formação. Mantoan (1997,

p. 6) esclarece que “a diversidade no meio social é, especialmente no ambiente escolar, fator determinante do enriquecimento das trocas, dos intercâmbios intelectuais, sociais e culturais que possam ocorrer entre os sujeitos que nele interagem.”

Embora a escola se comprometa com a democracia, é evidente que os sistemas educacionais vêm sendo produtores e reprodutores de desigualdades sociais e étnicas. Algumas situações pessoais de alguns indivíduos tornam-se pontes para a discriminação e exclusão. Gênero, etnia, orientação sexual, raça, religião, classe social, deficiência, são algumas variáveis, que formam cada ser humano, exigindo políticas inclusivas que atendam às suas necessidades e interesses. É preciso mudar essa realidade. A inclusão social traz em seu bojo um sentido de solidariedade, de fraternidade e de respeito à individualidade e às diferenças, quaisquer que sejam elas. (Campbell, 2009, p. 8)

É preciso fornecer o apoio e os recursos necessários para que não haja desigualdade nas oportunidades e no acesso aos recursos. Kelman (2009, p.10) “acredita que é preciso desigualar condições para igualar oportunidades.”

Reconhecer a diversidade e as diferenças entre povos ou pessoas é necessário para compreender a existência de múltiplas culturas, onde todas as manifestações culturais são respeitadas, sem que, no entanto, uma seja mais valorizada que as demais.

O Brasil é um país multicultural, encanta e se destaca pela sua diversidade. Sua cultura é formada por uma fusão de culturas européias, indígenas, africanas... Os diferentes povos que habitam esse rico país possuem costumes e formas de viver bem diferentes. Essas diferenças tornam-se evidentes em cada região brasileira, entre o homem da cidade e o do campo, entre aqueles que pertencem à classe dominante e os pertencentes à classe dominada. Essa mistura construiu e vai construindo a identidade brasileira. Campbell (2009, p. 8) lembra que “somos todos diferentes, e a complementaridade que cada um oferece aos outros é que torna este mundo menos monótono e um lugar melhor para se viver.”

No entanto, por mais que se discuta e pregue o respeito às diferenças, há um longo caminho a trilhar nesse aspecto, uma vez que impera ainda muitas práticas discriminatórias, preconceituosas, que acabam reforçando a exclusão de muitos. A imagem que se constrói muitas vezes, sem consciência, sobre as pessoas com necessidades especiais e grupos subalternos; pobres, negros, prostitutas, homossexuais, índios; é deprimente e humilhante, colocando-os a margem da sociedade, sem as mesmas oportunidades que os outros.

É preciso aprender a encarar e trabalhar a diversidade, as diferenças e desigualdades que configuram nossa formação social, política e cultural. Para que isso aconteça efetivamente na sociedade é necessário enxergar a diversidade como positiva, libertando-a dos olhares classificatórios.

## **1.2. Deficiências, preconceitos e inclusão**

A diversidade é uma grande riqueza da sociedade. Aprender a lidar com as diferenças, aproveitando tudo o que ela pode oferecer e favorecer é uma aprendizagem constante e um grande desafio. Mantoan (1997, p. 47) acredita que

Um novo paradigma está nascendo, um paradigma que considera a diferença como algo inerente na relação entre os seres vivos. Cada vez mais, a diversidade está sendo vista como algo natural. E a sociedade busca se orientar para que cada membro, com sua singularidade, possa usufruir do bem coletivo.

Sasaki (2003, p. 42) pensa que “a diversidade humana é representada, principalmente, por origem nacional, sexual, religião, gênero, cor, idade, raça e deficiência.”

Diante desse quadro de diferenças, a pessoa com necessidades especiais, merece atenção em particular, pois tem sido um dos grupos com as maiores dificuldades de se integrar no meio social. Para Campbell (2009, p. 93) “deficiência pode ser entendida como a impossibilidade de alguém exercer uma função em virtude de uma limitação orgânica [...]”

A pessoa com necessidades especiais, não pode ser considerada um incapaz, mas sim um ser humano com limitações físicas, mentais ou sensoriais. É preciso enxergar em cada um suas capacidades, deixando de lado pormenores que acabam contribuindo para a exclusão das pessoas.

As vitórias alcançadas por essas pessoas atualmente são resultados de muitas lutas, vencendo o preconceito e a exclusão, rumo à integração na sociedade. Esse processo é lento, perdurando até os dias atuais.

Inicialmente, pessoas consideradas diferentes eram ignoradas, rejeitadas e perseguidas pela sociedade. Muitos eram internados em asilos, sem o direito de conviver com seus familiares e frequentar instituições escolares. Mais tarde foram segregados em instituições, que se preparavam para atender aos alunos com necessidades educacionais especiais, como



por exemplo, algumas igrejas. Posteriormente foram criadas as salas especiais, dentro da escola regular, para atendimento desses alunos.

Campbell (2009, p. 130) critica o papel da sociedade

A sociedade é composta por pessoas diferentes entre si, indivisíveis e únicas, mas é revoltante saber que as pessoas com necessidades especiais, termo que engloba desde os superdotados até os portadores de deficiências múltiplas, foram marginalizados ao longo de tantos anos.

Mesmo com os avanços, muitas pessoas com necessidades especiais ainda são marginalizadas, apontadas, convivendo com o desprezo e preconceito de muitos. Para superar estas e tantas outras dificuldades cabe a sociedade adequar-se para que todos percebam como cidadãos, com direitos e deveres. Sassaki (2003, p. 47) ilustra essa situação

Cabe, portanto, à sociedade eliminar todas as barreiras físicas, programáticas e atitudinais para que as pessoas com necessidades especiais possam ter acesso aos serviços, lugares, informações e bens necessários ao seu desenvolvimento pessoal, social, educacional e profissional.

São pequenos gestos e simples atitudes, como ter o direito de andar em um transporte coletivo, que demonstram o respeito da sociedade para com as pessoas com necessidades especiais. A eliminação dessas barreiras contribui para a interação dessas pessoas com os considerados normais, sendo estas trocas de experiências fundamentais para o desenvolvimento e aprendizagem de todos.

### **1.3. Contribuições da abordagem histórico-cultural para a educação inclusiva**

Fisicamente as pessoas apresentam algumas características semelhantes, no entanto, são muito diferentes em relação à forma de viver, pensar e enxergar o mundo. Essa forma singular de cada um deve-se à influência do meio sociocultural, no qual está inserido e nas relações que estabelece com seus pares.

Uma vez que as pessoas não são iguais, a forma como se desenvolvem e aprendem também é diferente.

Campbell (2009, p. 79) reconhece que

Devemos ter em mente que nem todos aprendem da mesma maneira, que cada um aprende a seu ritmo e em seu nível, e precisamos criar novos contextos que se adaptem às individualidades dos alunos, considerando o que cada aluno já sabe, partindo das potencialidades e não das dificuldades.

A perspectiva sociocultural defende a idéia que o homem é fruto do meio em que vive. Esse meio pode facilitar ou dificultar o seu crescimento. A aprendizagem e o desenvolvimento dependem das trocas que o sujeito faz com o meio social, cultural e físico.

Segundo Mieto, Ribeiro e Silva (2010, p. 206), na abordagem histórico-cultural “Tornar-se pessoa é participar ativamente das dinâmicas sociais que nos circunscrevem e nos constituem. O que somos depende da forma como as pessoas se posicionam na relação que mantém conosco”. Mantoan (2001, p. 22) acrescenta

Cabe observar que as trocas interpessoais que favorecem o desenvolvimento e a aprendizagem são aqueles que colocam em xeque as concepções do sujeito, exigindo elaborações mais complexas ou a revisão das próprias idéias. Em outras palavras, são trocas que provocam os chamados conflitos cognitivos.

A escola, palco da diversidade, deve aproveitar toda a riqueza das interações que nela acontecem, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento dos alunos.

De acordo com Campbell (2009, p. 161)

A teoria interacionista de Vygotsky distingue três níveis de desenvolvimento de aprendizagem nível de desenvolvimento real-determinado pela capacidade de o indivíduo solucionar independentemente as atividades que lhe são propostas; nível de desenvolvimento potencial – determinado por meio da solução de atividades realizadas sob a orientação de uma outra pessoa, mas capaz ou cooperação com colegas mais capazes; e zona de desenvolvimento proximal – considerada como um nível intermediário entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial.

A zona de desenvolvimento proximal, tão importante para a aprendizagem, exige interações e trocas de experiências, por isso é importante estimular o trabalho em grupo, criando condições para que todos se desenvolvam.

As pessoas com necessidades especiais se constituem também nestas interações, onde aprendem a conviver com os outros, trocam experiências, respeitando os seus limites e reconhecendo suas capacidades, portanto para elas esse meio tem contribuído e muito para facilitar sua aprendizagem e desenvolvimento.

Mieto, Ribeiro e Silva (2010, p. 212) afirmam que

O desenvolvimento de uma criança sem deficiência e de uma criança com deficiência segue as mesmas leis gerais; a diferença encontra-se nas peculiaridades do desenvolvimento de cada uma, determinando formas singulares de interlocução com outros e de intervenção no mundo.

A verdadeira inclusão das pessoas com necessidades especiais vai sendo construída pela qualidade das relações que estabelecem com o próximo. Nestas o outro passa enxergar a

pessoa com necessidades especiais como capacitada, que necessita de respeito e situações diferenciadas para conquistar o seu espaço na sociedade.

O professor assume, com responsabilidade, o seu papel na medida em que é um mediador entre o aluno e o conhecimento, incentivando os discentes a participarem efetivamente das atividades propostas e utilizando de estratégias e atividades diferenciadas, para que todos possam aprender de forma significativa, de acordo com suas potencialidades e necessidades. Essas e outras pequenas atitudes contribuem para que todos tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem/desenvolvimento, permitindo ao aluno com necessidades educacionais especiais sentir-se peça importante da turma. Isso é inclusão!

Aprendemos nas trocas de experiências. Apoiar nas interações, tornando-as cada vez mais ricas, múltiplas e produtivas, podem trazer grandes mudanças pessoais, sociais e educacionais.

#### **1. 4. Inclusão Escolar: Educação de qualidade para todos**

Nos dias de hoje a inclusão escolar tem sido assumida como uma nova possibilidade de oferecer a educação para todos indiscutivelmente. Escola aberta para todos, educação de qualidade, respeito à diversidade, são bandeiras levantadas pela inclusão escolar.

Acreditar nessas possibilidades exige novas posturas dos profissionais da educação, esforços do poder público, das associações e da sociedade, no sentido de promover a melhoria de toda uma coletividade de forma igualitária e democrática.

A educação inclusiva tem sido mais do que nunca, debatida, analisada, visando atingir seus objetivos. A verdadeira inclusão é necessária para que todos os alunos com necessidades educacionais especiais tenham direito a educação, no ensino regular.

Para alcançar essas metas, ao longo dessas discussões, foram criadas leis, visando a efetivação da inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais na escola regular, garantindo assim seu desenvolvimento e evitando práticas de discriminação e preconceito.

Entre as leis e iniciativas na área educacional, que buscam o respeito aos direitos dos alunos com necessidades educacionais especiais, destacam-se: Declaração de Salamanca (1994); Lei nº. 9.394/96 – de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; Resolução CNE/CEB

n. 2/2001, diretrizes de educação especial na educação básica; Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008); Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2008). Esses documentos reforçam o sonho e o desejo de pais e filhos de serem respeitados e aceitos na sociedade. Essa aceitação é claro passa pela escola.

A Constituição Federal (2002, p. 142 e 143) em seu capítulo 3, dedicado à educação esclarece

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (...). O dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: (...) Atendimento especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

Complementando, Campbell (2009, p. 144) declara que

O Estatuto da Criança e do Adolescente garante o direito à igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, sendo o ensino fundamental obrigatório e gratuito; garante ainda o respeito dos educadores e o atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular.

Em muitos momentos as leis são até redundantes em suas garantias, no entanto muitos direitos, com algumas exceções, estão apenas no papel. Carvalho (2003, p. 20) enfoca “está tudo previsto e escrito. Precisa ser concretizado.” Mesmo diante dos grandes passos em relação à efetivação da educação inclusiva em nosso país, ainda existe uma grande barreira entre a legislação e nossa realidade.

O que encontramos em nosso país, são crianças com necessidades educacionais especiais colocadas em salas regulares sem as mínimas condições para se desenvolverem em todas as suas potencialidades. Como já argumentado; a verdadeira inclusão não se restringe à garantia de vaga ao aluno com necessidades educacionais especiais na classe regular. Isso não é incluir, pelo contrário é desconsiderar as grandes mudanças necessárias à prática pedagógica, para garantir uma educação de qualidade para todos.

Infelizmente a realidade nega a legislação. Na LDBEN 9394/96 artigo 58 esclarece que “haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.”

Percebemos que o estado não tem conseguido cumprir a legislação, pois existem muitos alunos que necessitam de um apoio pedagógico, mas este não acontece. Nem mesmo o

monitor, que é aquele que acompanha, dentro da sala de aula, o aluno com necessidades educacionais especiais, eliminando algumas barreiras e facilitando o processo de aprendizagem; na maioria dos casos, os discentes não têm direito. Entre estes profissionais destacam o que acompanha o aluno com deficiência visual e/ou física. A equipe multidisciplinar, composta por profissionais da pedagogia, psicologia, fisioterapia, serviço social, educação física e medicina, também é um sonho muito distante.

Outro ponto de debate em relação ao cumprimento da lei está no artigo 59 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, quando afirma que “os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades educacionais especiais: currículos, métodos, técnicas, organização e recursos educativos específicos, para atender às suas necessidades.”

Essa diferenciação para atender aos discentes com necessidades educacionais especiais também não é respeitada. Essa postura acaba desmotivando o aluno, que se sente incapaz, além de abalar o professor que não sabe o que fazer para que o aluno especial alcance o mesmo patamar de aprendizagem dos outros. Mesmo com os cursos de formação, muitos professores ainda não adotam métodos, técnicas diferenciadas para atender esses alunos em suas especificidades.

Sabemos que essa mudança de postura não é fácil, pois a própria Secretaria Estadual de Educação erra, quando, por exemplo, em suas avaliações, não considera os alunos com necessidades educacionais especiais, enviando a mesma avaliação sem adequações necessárias, para todos os alunos.

Mais do que leis é necessário a conscientização de todos, para que os direitos das pessoas com necessidades especiais sejam respeitados e garantidos. Novamente Carvalho (2003, p. 20) relata

Parece que só leis e decretos não bastam. Parece que no próximo milênio, precisamos mudar de atitude frente à deficiência, encontrar e usar outros mecanismos que não apenas os mandatários para garantir e assegurar a todas as crianças, em qualquer ponto do nosso imenso país, o ingresso e a permanência, com sucesso, na vida escolar. Trata-se de direito de cidadania para que, posteriormente, possam cumprir com seus deveres, participando contributivamente da vida em sociedade.

Se continuarmos examinando os documentos que tratam da educação inclusiva perceberemos que existe um longo caminho a percorrer, para que a lei saia do papel e seja realmente cumprida.

### 1.4.1. O papel do professor num contexto inclusivo

Mesmo com a legislação referente à educação inclusiva em vigor, referindo aos direitos do educando com necessidades educacionais especiais e aos deveres de todos na concretização desse processo, percebe-se que para isso, mas do que leis são necessárias ações concretas, simples, que farão toda a diferença no chão da escola e da sala de aula.

Entre outras situações, pensar em inclusão é pensar no profissional, que muitas vezes à margem do processo, por não acreditar nele, sente-se despreparado, inseguro para trabalhar com os alunos com necessidades educacionais especiais. Mantoan (2001, p. 42) reflete sobre essa questão

A grande contribuição da educação inclusiva para os educadores é colocarmos constantemente em conflitos diante da necessidade de buscarmos novas alternativas. É preciso empenho e força de vontade para enfrentarmos os desafios que a inclusão nos impõe.

A escola inclusiva abre as portas para todos, acolhendo alunos com várias necessidades. É realmente um grande desafio para esses profissionais atenderem todos com qualidade, no entanto isso se torna possível através do compromisso com o aluno, as trocas de experiências e a formação permanente.

Outro ponto que merece destaque é a formação dos profissionais durante os cursos de graduação. A maioria dos professores não/estão preparados para trabalhar com as diferenças, pelo contrário acreditam num modelo de aluno, que na realidade nunca existiu.

Para Carvalho (2003, p. 163)

A formação inicial de nossos professores precisa ser repensada, seja em nível de segundo grau seja em nível superior, para que possamos encontrar soluções compatíveis com a urgente necessidade de melhorarmos as respostas educativas de nossas escolas.

Mantoan (1997, p. 30) acrescenta que “há necessidade de as faculdades de Pedagogia inserirem em seus programas temas sobre a educação de pessoas portadoras de deficiência”.

Ao entrar na sala de aula e deparar com um universo de necessidades, muitos professores entram em desespero, acreditando até que a escola regular não é o melhor lugar para os alunos com necessidades educacionais especiais, sendo assim, eles seriam melhor atendidos nas escolas especializadas. Com relação a essa crença dos professores, Mantoan (2001, p. 18) relata que

Os professores das classes regulares acreditam que essas crianças estariam melhor atendidas em uma classe especial para seu tipo de deficiência ou em uma escola especial. Os professores das classes especiais e das escolas especiais acreditam que realmente possuem as melhores condições de atender a essas crianças.

Essa não é a realidade de todos os professores, existem aqueles que aceitam os alunos com necessidades educacionais especiais, mas reconhecem que não estão aptos para trabalhar com esses alunos e apontam como suas maiores dificuldades nesse processo a falta de preparação específica, escassez de recursos materiais e humanos e as condições inadequadas do espaço físico.

Alia-se a tudo isso, o pouco tempo que esses profissionais têm para se preparar para trabalhar com esses alunos, uma vez que muitos enfrentam jornadas duplas e até triplas, buscando melhores condições para uma vida mais digna. Verifica-se que a valorização profissional é necessária e também urgente. Carvalho (2003, p. 113) pensa que a valorização profissional é também condição para o sucesso escolar

Salários e condições de trabalho de nossos professores representam fortes entraves, pois desmotivados ou abandonam o magistério, ou se nele permanecem é por falta de melhores oportunidades de trabalho, cujo mercado anda escasso entre nós.

Outro grande entrave ao trabalho docente refere-se à superlotação das turmas. Professores reclamam que o número de alunos nas turmas com alunos com necessidades educacionais especiais, não é respeitado, chegando turmas a terem entre 35 e 40 alunos. Diante desses e tantos outros desafios, o educador tem sido um verdadeiro artista, enfrentando com sabedoria essas dificuldades. Mantoan (2001, p. 213) enfatiza

No entanto, os problemas enfrentados pelas escolas que se abrem ao processo de inclusão, são diferentes daqueles que acontecem em outras escolas. O corpo dos professores, tanto numa como nas outras escolas, se sério e comprometido, constantemente vai se encontrar às voltas com questões referentes à sua formação, ao uso de um ou mais justo e racional sistemas de avaliações, uma metodologia mais adequada ao desenvolvimento das atividades curriculares.

O primeiro passo para que professores sintam-se mais preparados e participantes efetivos na inclusão escolar é conhecer e se informar sobre as necessidades de cada educando, para assim intervir, visando contribuir para a aprendizagem e desenvolvimento de todos e não apenas de alguns, os considerados normais. De acordo com Campbell (2009, p. 159)

O professor deve informar-se sobre as especificidades e sobre os instrumentos adequados para fazer com que o aluno encontre na escola um ambiente agradável, sem discriminação e capaz de proporcionar um aprendizado efetivo, tanto do ponto de vista educativo quanto do social.

O apoio dos colegas e equipe diretiva também faz toda a diferença, pois todos se comprometem e se sentem responsáveis pela aprendizagem de todos os alunos. Isso nem sempre é realidade nas escolas.

A formação do professor é indiscutível para o sucesso da inclusão. Um educador bem preparado terá mais segurança para exercer suas funções com responsabilidade e respeito às diferenças. Nessas formações o professor tem a chance de conhecer outras experiências, aprendendo novas formas e possibilidade de trabalhar. Segundo Mantoan (2001, p. 19) “a inclusão necessita de professores especializados em todos os alunos. Eles terão de voltar a estudar, a pesquisar, a refletir sobre suas práticas e a buscar metodologias inovadoras de ensino para esse fim.”

A parceria entre escola e família é muito benéfica para todos, principalmente para os professores conhecerem melhor seus alunos e aprenderem a lidar com eles. A educação inclusiva exige um novo profissional, um professor que acredita no potencial de todos os alunos e com criatividade, competência e responsabilidade faz as adaptações necessárias e atinge cada aluno em suas necessidades, evitando assim práticas preconceituosas.

O professor que abraça a educação inclusiva sofre, enfrenta desafios, mas vibra e sente prazer com os avanços dos alunos com necessidades educacionais especiais, por menores que possam ser. Essas vitórias são compartilhadas com os pais, que desejam que seus filhos sejam aceitos na sociedade.

#### **1.4.2. A família e a educação inclusiva**

Os pais quando estão à espera de um filho, desejam que o mesmo nasça saudável e normal. O susto ao deparar com uma criança com necessidades especiais, desestrutura os responsáveis que precisam de um tempo para aceitá-la, amando-a com suas diferenças.

Mantoan (1997, p.105) explica que

Quando a criança apresenta uma deficiência ao nascer, a família envolve-se num sentimento de perda. O nascimento de um filho proporciona o aparecimento de sentimentos instintivos, traduzidos por meio de aspirações e esperanças. As ambições familiares com fantasias de poder, saúde, força, beleza e inteligência são projetadas neste evento significativo.



A família é a primeira instituição social de um indivíduo, e em contato com outras, busca assegurar a continuidade e o bem estar dos seus membros e da coletividade, incluindo a proteção e o bem estar da criança; transmitindo valores, crenças, idéias e significados que estão presentes nas sociedades.

Como os filhos, os pais sofrem com o preconceito e com as dificuldades das crianças adaptarem ao meio em que vivem. Mantoan (1997, p.14) ressalta ainda que “como a deficiência não faz parte do nosso universo, a adaptação à nova realidade é sempre dolorosa e muitas vezes irrealizável.”

Movidos pela angústia alguns pais abandonam seus filhos, ou tentando encobrir as deficiências, acabam superprotegendo, acarretando assim atitudes na criança que dificultam seu relacionamento com os outros.

A escola é talvez o melhor lugar para a integração social das crianças com necessidades educacionais especiais. Neste espaço ela convive com pessoas que a respeitam, pois diferentemente dos adultos, a maioria das crianças não são preconceituosas. A escola e a família são, portanto co-responsáveis pela integração das crianças com necessidades especiais, para isso devem assumir seus papéis, contribuindo na formação do sujeito.

Os pais acreditam na escola, desejam e querem que seus filhos tenham as mesmas oportunidades que os demais alunos, por isso são exigentes, esperando que a escola atenda seus anseios e expectativas. Para isso a escola precisa abrir suas portas para os pais, acolhendo e convidando-os a ajudar os professores a lidarem com esses alunos. Com certeza suas experiências contribuem para fazer a inclusão acontecer. A realidade é difícil, muitos pais ainda vêm portas de escolas fechadas para seus filhos, e só para eles, porque são considerados diferentes dos demais.

## **II – OBJETIVOS**

### **Geral**

- Analisar o processo de inclusão em turmas regulares como um direito dos alunos com necessidades educacionais especiais.

### **Específicos**

- Conhecer experiências significativas realizadas na perspectiva da inclusão escolar.
- Compreender a formação específica e permanente dos educadores como necessária à efetiva inclusão escolar.
- Verificar os desafios, relacionados à inclusão escolar, enfrentados pelos professores, pais e alunos com necessidades educacionais especiais.
- Conhecer o perfil dos educadores da instituição escolar em estudo.

### **III – METODOLOGIA**

#### **3.1. Fundamentação Teórica da Metodologia**

Para realizar o trabalho foi utilizada a pesquisa qualitativa com aplicação de questionários e entrevistas para professores, pais, alunos e diretora, de uma escola municipal de Ipatinga/ MG. Esse tipo de pesquisa busca a obtenção de dados descritivos a partir de contatos diretos e interativos do pesquisador com a situação objeto de estudo.

Nas pesquisas qualitativas é comum o pesquisador buscar entender os fenômenos estudados, a partir das vivências e experiências dos participantes e posteriormente estabelecer suas interpretações, por isso a necessidade e importância do trabalho de campo.

Maciel e Raposo (2010, p. 82) relatam que:

A pesquisa qualitativa não exige a definição de hipóteses formais. As hipóteses são momentos do pensamento do investigador comprometidos com o curso da investigação, as quais estão em constante desenvolvimento.

A escolha por uma abordagem qualitativa ocorreu em razão da importância que foi atribuída, entre outros, aos significados das interpretações e análises sobre o objeto de estudo. Em segundo plano foi utilizado o método quantitativo, através de tabelas, cuja leitura procurou valorizar a denotação dos dados obtidos para responder às questões de estudo e alcançar os objetivos propostos.

#### **3.2. Contexto da pesquisa**

Para realizar os estudos e pesquisa foi escolhida uma escola municipal de Ipatinga/MG que caminha a passos largos em direção a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular.

O slogan da escola -“Respeitando as diferenças”- revela o seu compromisso e respeito aos diferentes e faz um convite a todos para uma nova postura diante das pessoas com necessidades educacionais especiais. Esta instituição oferece o Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), acolhendo em suas turmas regulares, alunos com diversas necessidades educacionais especiais.

A escola oferece ainda o projeto “COM TATO” que atende alunos cegos e baixa visão. São oferecidas oficinas que atendem às necessidades dos alunos, além de acompanhamento de dever e estudo de apoio para realização de exames, como o supletivo. Os alunos que frequentam o ensino regular na escola, participam das atividades oferecidas pelo projeto em horário extraclasse.

Os professores que trabalham nesse projeto, estão em formação permanente, inclusive realizando cursos oferecidos por instituições específicas nessa área, tornando assim mais capacitados e preparados para atender aos alunos em suas especificidades. Os alunos com deficiência auditiva contam com o apoio do intérprete e os com deficiência visual com o monitor, profissionais indispensáveis para a efetivação da inclusão.

Devido aos desafios enfrentados pelos profissionais que trabalham com os alunos com necessidades educacionais especiais, surge a necessidade destes de buscarem a formação continuada, como cursos de libras e braile para facilitar o trabalho e a interação com esses alunos.

### **3.3. Participantes**

O presente estudo foi realizado com a participação da diretora, vinte professores, sendo mais da metade deles especialistas em educação e atuam no Ensino Fundamental e Educação Especial; três pais, sendo seus filhos, alunos com necessidades educacionais especiais que frequentavam turmas regulares nessa escola, em 2010 e cinco alunos, sendo quatro apresentando apenas deficiência auditiva e um aluno com deficiência visual (baixa visão) que frequentavam as mesmas turmas que os alunos citados acima.

A pesquisadora também participou do trabalho realizando observações na sala durante duas aulas (Português e Educação Física) e no recreio. Os contatos com os professores e alunos aconteceram durante a abordagem para a realização da pesquisa.

Dos vinte educadores que participaram da pesquisa cinco atuam na Educação Especial; seis no Ensino Fundamental, 1º e 2º ciclos; e os outros nove trabalham com os alunos do 3º e 4º ciclos. Observe o quadro abaixo:

**Quadro 1. Número de professores entrevistados em relação ao ensino em que atuam**

<b>Número de professores</b>	<b>Ensino que atua</b>
05	Educação Especial
06	Ensino Fundamental, 1º e 2º ciclos
09	Ensino Fundamental, 3º e 4º ciclos

Os alunos com necessidades educacionais especiais foram muito solícitos. Com os alunos surdos, a colaboração dos professores intérpretes facilitou o trabalho. Os discentes são das séries finais do Ensino Fundamental. Observe o quadro abaixo:

**Quadro 2. Ano escolar, em 2010, dos alunos entrevistados com necessidades educacionais especiais**

<b>Aluno(a)</b>	<b>Ano escolar em 2010</b>
A1	6º ano
A2	6º ano
A3	7º ano
A4	7º ano
A5	8º ano

Os alunos com deficiência auditiva iniciaram sua vida escolar nas turmas regulares, apenas a partir do 6º ano. Nas séries iniciais eles frequentavam, mesmo em uma escola regular, classes especiais, estas são formadas exclusivamente por alunos com necessidades educacionais especiais, esta no caso apenas alunos com deficiência auditiva, por isso priorizavam a aprendizagem de libras.

### **3.4. Materiais**

- Recursos humanos: pessoal de secretaria, diretor, professores, pais e alunos.
- Recursos materiais: material de consumo como papéis, canetas, computador e impressora.

### **3.5. Instrumentos de Construção de Dados**

Visando levantar os dados necessários para atingir os objetivos previstos para o estudo, foram selecionados instrumentos que preenchessem os requisitos para traduzir a confiabilidade e validade no tratamento das informações que foram testadas. São eles: observações diretas, na instituição de estudo, pela pesquisadora e aplicação de questionário e entrevistas.

### **3.5.1. Observações diretas**

Durante uma semana foram realizadas observações na instituição de estudo, buscando compreender como acontece o processo de inclusão nesta escola e verificando o relacionamento dos alunos com necessidades educacionais especiais com os demais discentes, professores e funcionários.

A pesquisadora participou, com a autorização da diretora e dos professores, de duas aulas uma no sexto ano (aula de Português) e outra no sétimo ano (aula de Educação Física).

### **3.5.2. Questionário (APÊNDICE A)**

Os questionários objetivos, compostos por dezoito questões, foram aplicados aos professores da escola de estudo e elaborados através de questões fechadas, exigindo pouco tempo dos professores na realização dessa tarefa. Objetivou-se com esse instrumento conhecer um pouco do corpo docente dessa instituição, assim como perceber a visão desses profissionais em relação à inclusão escolar, compreendendo suas dificuldades, necessidades e anseios nesse processo.

### **3.5.3. Entrevista (APÊNDICES B, C e D)**

As entrevistas foram estruturadas através de um roteiro, fundamentado nos problemas do objeto de estudo da pesquisa. As respostas dos entrevistados foram registradas de forma manual.

Participaram das entrevistas a diretora da escola, quatro alunos com deficiência auditiva, um aluno com deficiência visual (baixa visão) e três mães, sendo seus filhos alunos com necessidades educacionais especiais. Com os alunos com deficiência auditiva a pesquisadora contou com a participação de uma professora intérprete, para que não se corresse o risco de perder as informações importantes para a coleta e análise de dados.

### 3.6. Procedimentos de construção de dados

A instituição de estudo foi escolhida devido a sua realidade em atender alunos com necessidades educacionais especiais, nas turmas regulares. Durante três anos a pesquisadora trabalhou nesta escola, aprendendo com os desafios de trabalhar com a diversidade, respeitando as necessidades de cada aluno.

Inicialmente a diretora foi informada do interesse em realizar o estudo na escola. Depois de compreender o objetivo do trabalho e autorizá-lo, a pesquisadora entrou em contato com os professores, alunos e pais. Muitos professores não quiseram participar do trabalho.

Todos os participantes, no início do estudo, receberam informações quanto à realização e objetivos da pesquisa. Depois de fornecido, cada participante assinou um termo de consentimento livre e esclarecido, garantindo que suas contribuições seriam utilizadas, com fins científicos, no entanto preservando sua identidade.

Os professores receberam o questionário e entregaram-no em dia posteriormente marcado. Os demais participantes foram entrevistados em dias determinados, conforme cronograma abaixo:

**Quadro 3. Cronograma de realização das entrevistas**

<b>Participante da pesquisa</b>	<b>Data da entrevista</b>
Diretora da escola	23/02/2011
Pais	14/12/2010
Alunos com necessidades educacionais especiais	15/12/2010

### 3.7. Procedimentos de Análise de Dados

#### 3.7.1. Análise das observações diretas

Para realizar a análise das observações diretas, primeiro foi feita uma leitura e análise preliminar de todos os registros de observações realizadas e posteriormente selecionados trechos de observações com dados/informações importantes para os objetivos da pesquisa. Foram selecionadas especificamente observações que permitiram analisar o processo de

inclusão escolar, a experiência dos profissionais e a interação deles com as crianças, e chegar a conclusões sobre o atendimento dos alunos com NEE nas turmas regulares.

Após a seleção, os trechos foram transcritos para o protocolo de registro das observações e realizou-se uma análise interpretativa geral desses trechos, procurando abranger as especificidades comunicativas das interações, dentro das possibilidades que a observação naturalística direta oferece.

Para a análise das observações foram selecionados três trechos, correspondentes às atividades de Educação Física realizadas em uma turma do ensino regular, que serão discutidos nos resultados.

### **3.7.2. Análise interpretativa dos questionários**

Os questionários objetivos, compostos por dezoito questões, foram utilizados para conhecer um pouco os docentes desta escola e analisar a visão e dificuldades dos mesmos em relação à inclusão escolar. Os dados coletados foram tabulados e analisados qualitativamente em relação aos objetivos da pesquisa.

A análise interpretativa baseou-se na abordagem qualitativa para melhor compreensão dos discursos dos participantes da pesquisa que contribuem significativamente para o alcance dos objetivos referentes a conhecer experiências significativas na perspectiva da inclusão escolar, verificar os desafios enfrentados por professores, pais e alunos com necessidades educacionais especiais e compreender a formação específica e permanente do professor como necessária a efetivação desse processo.

### **3.7.3. Análise interpretativa das entrevistas**

A entrevista individual foi a técnica selecionada para registrar as falas e reflexões de cinco alunos com necessidades educacionais especiais, três mães, sendo seus filhos também pessoas com necessidades especiais e a diretora da escola.

A análise do discurso dos participantes da pesquisa foi realizada em dois momentos específicos. No primeiro momento, estabelecemos categorias de análise a partir de nosso roteiro de entrevista e dos objetivos de nosso estudo. As categorias estabelecidas foram as seguintes:

- Impactos do diagnóstico na vida familiar
- Educação e aprendizagem



- Dificuldades na escola
- Direitos da pessoa com necessidades especiais
- Inclusão escolar

No segundo momento, realizamos a análise das categorias estabelecidas, em cada uma das entrevistas, procurando ressaltar as questões comuns a todos os entrevistados.

## IV-RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1. Questionário para os professores

As respostas dos professores aos questionários aplicados na escola municipal de Ipatinga, resultaram na construção de tabelas, conforme cada questão, o que possibilitou uma melhor leitura dos dados coletados. A seguir as tabelas com os dados descritos.

Participaram da pesquisa vinte docentes da escola. Quinze profissionais quando abordados em relação ao trabalho não demonstraram interesse em participar, verificando assim a necessidade de um trabalho de conscientização da importância de pensar e refletir a educação inclusiva.

**Tabela 1: Idade**

<b>Questão 1</b>	<b>Frequência 20</b>	<b>Porcentagem</b>
Até 30 anos	02	10%
31 a 40 anos	07	35%
41 a 50 anos	10	50%
Mais de 50 anos	01	5%

Considerando a idade dos professores entrevistados, 10% têm até 30 anos, 35% encontra-se na faixa de 31 a 40 anos, 50% têm entre 41 e 50 anos e 5% tem mais de 50 anos.

**Tabela 2: Sexo**

<b>Questão 2</b>	<b>Frequência 20</b>	<b>Porcentagem</b>
Masculino	05	25%
Feminino	15	75%

Em relação ao sexo, 75% dos entrevistados são mulheres e apenas 25% homens.

**Tabela 3: Formação acadêmica**

<b>Questão 3</b>	<b>Frequência 20</b>	<b>Porcentagem</b>
Licenciatura	07	35%
Pós graduação	12	60%
Mestrado	01	5%
Doutorado	00	0%

Quanto a formação acadêmica, 35% tem licenciatura, 60% são pós-graduados e 5% são mestres em educação.

**Tabela 4: Tempo de docência**

<b>Questão 4</b>	<b>Frequência 20</b>	<b>Porcentagem</b>
Até 3 anos	02	10%
4 a 6 anos	01	5%
7 a 15 anos	08	40%
16 a 25 anos	07	35%
Mais de 25 anos	02	10%

Pelo resultado da tabela 4, nota-se que 10% dos profissionais entrevistados estão iniciando sua carreira, com até 3 anos de docência, 5% têm entre 4 e 6 anos de educação, 40% têm entre 7 e 15 anos de profissão, 30% atuam na área entre 16 e 25 anos e 10% têm mais de 25 anos de educação.

**Tabela 5: Ensino em que atua**

<b>Questão 5</b>	<b>Frequência 20</b>	<b>Porcentagem</b>
Educação Infantil	00	0%
Ensino Fundamental, 1º e 2º ciclos	06	30%
Ensino Fundamental, 3º e 4º ciclos	09	45%
Educação Especial	05	25%

Analisando a tabela acima verifica-se que em relação ao ensino de atuação, 35% dos entrevistados atuam no 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental, 45% trabalham com alunos do 3º e 4º ciclos e os outros 25% atuam na Educação especial.

**Tabela 6: Acesso a temas sobre inclusão durante a graduação**

<b>Questão 6</b>	<b>Frequência 20</b>	<b>Porcentagem</b>
Sim	04	20%
Não	16	80%

Considerando o acesso a temas sobre inclusão durante a graduação, 20% tiveram acesso e 80% negaram a formação em inclusão durante a graduação..

**Tabela 7: Qualidade da formação sobre inclusão durante a graduação**

<b>Questão 7</b>	<b>Frequência 4</b>	<b>Porcentagem</b>
Insuficiente	01	25%
Boa	03	75%
Muito boa	00	0%
Excelente	00	0%

Considerando os quatro docentes que confirmaram a formação em inclusão escolar durante a graduação, 25% consideraram-na insuficiente e 75% apontaram-na como boa.

**Tabela 8: Participação em cursos sobre inclusão escolar**

<b>Questão 8</b>	<b>Frequência 20</b>	<b>Porcentagem</b>
Sim	11	55%
Não	09	45%

Uma vez que nem sempre há durante a graduação formação em inclusão, de acordo com a tabela 8, conclui-se que 55% dos professores têm participado de cursos nessa área, no entanto ainda 45% negaram essa participação.

**Tabela 9: Visão sobre inclusão escolar**

<b>Questão 9</b>	<b>Frequência 20</b>	<b>Porcentagem</b>
Impossível	00	0%
Difícil, mas possível	16	80%
Uma realidade distante do meu trabalho	00	0%
Uma forma de educação que só pode ser realizada em escolas especializadas	03	15%
Outro	01	5%

De acordo com a tabela acima percebe-se que 80% dos professores consideram a inclusão escolar difícil, mas possível, outros 15% acreditam que ela só pode ser realizada em escolas especializadas e ainda 5% relatam que deveriam existir salas excludentes para atingir melhor os alunos com necessidades educacionais especiais.

**Tabela 10: Número de professores que têm alunos especiais em suas turmas regulares**

<b>Questão 10</b>	<b>Frequência 15</b>	<b>Porcentagem</b>
Sim	08	53,3%
Não	07	46,7%

Mesmo diante das dificuldades, do pouco conhecimento no assunto, assumido por alguns profissionais, 53,3% dos que responderam ao questionário, ou seja, 8 docentes tinham em 2010 alunos especiais em suas turmas regulares e 43,7% não trabalharam com alunos com necessidades educacionais especiais em suas turmas regulares em 2010, no entanto, provavelmente já trabalharam com esses alunos ou trabalharão.

**Tabela 11: Avaliação da participação dos alunos especiais nas turmas regulares**

<b>Questão 11</b>	<b>Frequência 20</b>	<b>Porcentagem</b>
Prejudicam o desenvolvimento/rendimento da aula	00	0%
Positiva	15	75%
Indiferente	00	0%
Outro	05	25%

Avaliando a participação dos alunos nas turmas regulares, 75% dos entrevistados, reconhecem-na como positiva. Ainda que uma grande maioria avalie como positiva essa participação, 25% consideram-na válida se acompanhada de formação permanente para atendimento adequado desses alunos.

**Tabela 12: Capacidade de todos os alunos aprenderem**

<b>Questão 12</b>	<b>Frequência 20</b>	<b>Porcentagem</b>
Sim	05	25%
Sim, dependendo das condições oferecidas	12	60%
Alguns alunos não aprendem	00	0%
Outro	03	15%

A maioria dos profissionais, 85% dos entrevistados, acreditam, conforme tabela 12, que todos têm condições de aprender, no entanto, destes, 60% avaliam que é necessário oferecer condições necessárias para uma aprendizagem significativa. Verifica-se que 15% responderam que a aprendizagem dos alunos está condicionada a garantia de um tempo diferenciado a esses alunos e a compreensão que nem todos alcançarão o mesmo nível dos outros alunos, por isso as comparações devem ser evitadas.

**Tabela 13: Utilização de estratégias diferenciadas**

<b>Questão 13</b>	<b>Frequência 20</b>	<b>Porcentagem</b>
Sempre	04	20%
Na medida do possível	15	75%
Não, trato todos de forma igual	01	5%
Não sei trabalhar de forma diferenciada	00	0%

De acordo com os entrevistados, 20% sempre utilizam outras formas para ensinar os alunos, facilitando assim a aprendizagem dos mesmos, outros 75% reconhecem que nem sempre é possível oferecer isso aos discentes, considerando as dificuldades da sala de aula e 5% admitem que não utilizam estratégias diferenciadas, tratam todos de forma igualitária.

**Tabela 14: Maior dificuldade para trabalhar com a educação inclusiva**

<b>Questão 14</b>	<b>Frequência 20</b>	<b>Porcentagem</b>
Condições físicas da escola	03	15%
Escassez de recursos humanos e materiais específicos	03	15%
Pouco tempo para se preparar	04	20%
Número excessivo de alunos por turma	07	35%
Falta de apoio da família	03	15%
Falta de apoio da direção e SME.	00	0%

Entre as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores, 15% apontam as condições físicas, outros 15% registram a escassez de recursos materiais, 20% consideram o pouco tempo para se prepararem para atender aos alunos com necessidades educacionais especiais, 35% relatam o número excessivo de alunos nas turmas e os outros 15% acreditam que a falta de colaboração da família, torna o trabalho mais difícil.

**Tabela 15: Preparação da escola para a inclusão**

<b>Questão 15</b>	<b>Frequência 20</b>	<b>Porcentagem</b>
Sim	14	70%
Não	06	30%

Mesmo diante das dificuldades a grande maioria dos profissionais, 70%, reconhece que a escola está preparada para a inclusão, porém 30% pensam o contrário.

**Tabela 16: Sujeito mais resistente a educação inclusiva**

<b>Questão 16</b>	<b>Frequência 20</b>	<b>Porcentagem</b>
O aluno especial	02	10%
O professor do ensino regular	08	40%
A direção da escola	00	0%

Os pais do aluno especial	03	15%
Os outros alunos	02	10%
Os pais dos outros alunos	05	25%

Analisando os dados acima 40% acham que o professor do ensino regular é o mais resistente, 25% apontam os pais dos outros alunos, 15% acreditam que os pais dos alunos com necessidades educacionais especiais são mais resistentes, 10 % indicam os outros alunos e mais 10% relatam que na verdade, são os alunos com necessidades educacionais especiais que não têm segurança para frequentar essas turmas.

**Tabela 17: Condição mais relevante para a efetivação da inclusão escolar**

<b>Questão 17</b>	<b>Frequência 20</b>	<b>Porcentagem</b>
Atitudes dos professores	05	25%
Avaliação/acompanhamento dos alunos	02	10%
Metodologia de ensino	0	0%
Formação específica	10	50%
Técnicos especializados	01	5%
Materiais e recursos	02	10%

De acordo com a tabela acima, 25% dos entrevistados apostam nas atitudes dos professores como condição mais importante para a inclusão escolar, 10% vêm a avaliação e acompanhamento dos alunos, 50% acreditam na formação do professor, outros 10% apontam os materiais e recursos e ainda 5% revelam que os técnicos especializados nas escolas regulares são essenciais para a concretização do processo.

#### **4.2. Entrevista com os pais**

Apresentam-se a seguir, os resultados e a discussão dos dados obtidos com os pais. A análise das entrevistas realizadas com os pais, que tiveram como objetivo levantar suas concepções sobre a inclusão escolar e social, possibilitou o levantamento de três categorias, agrupadas por temas de significação semelhantes, dispostos a seguir.



**Quadro 4. Concepções dos pais sobre a inclusão escolar e social dos alunos com necessidades educacionais especiais**

Categorias	Definição
Impactos do diagnóstico na vida familiar	Os pais descobriram a deficiência quando as crianças tinham entre 6 meses e 1 ano. Para uma entrevistada a descoberta foi tranquila, as outras relataram que no início foi muito difícil, criaram alguns recursos para se comunicarem com a criança, como apontar os objetos, e depois tiveram que aprender libras. As crianças são bem aceitas e o relacionamento entre os membros da família é baseado no amor, na união. Todas as dificuldades foram superadas.
Educação e aprendizagem	As mães são unânimes em relação à avaliação de qualidade de educação oferecida aos seus filhos, considerando-a boa. Uma mãe relatou que no início a aluna tinha receio em relação à escola regular, mas agora todos se sentem felizes, respeitados e inseridos efetivamente no contexto escolar. Para garantir essa educação de qualidade, a família se faz presente na escola, participando de todos os momentos oferecidos.
Inclusão Escolar	As informantes não só acreditam na possibilidade da inclusão escolar, como enxergam seus filhos incluídos, inseridos na dinâmica escolar. Como o processo de inclusão é muito recente, a escola tem se esforçado em adaptar-se para melhor atendê-los, enfim, tudo que é necessário tem sido feito. Apenas um adolescente faz acompanhamento com profissionais especializados: fonoaudiólogo, psicólogo, assistente social. Esse educando e mais dois têm acompanhamento educacional, através de oficinas e orientação de dever em outra escola no contraturno. Os responsáveis avaliam que estes acompanhamentos colaboram na aprendizagem dos alunos.

#### **4.3. Entrevista com os alunos com necessidades educacionais especiais**

A análise das entrevistas realizadas com os alunos especiais levantou dados sobre suas concepções a respeito da inclusão escolar e social e possibilitou o levantamento de quatro categorias, agrupadas por temas de significação. Essas categorias estão demonstradas no quadro 5.

**Quadro 5. Concepções dos alunos sobre seu próprio processo de inclusão escolar e social**

Categorias	Definição
Educação e aprendizagem	Os discentes gostam da escola, têm aprendido muito nesse espaço. O alunos com deficiência auditiva relatam que a forma de ensinar é um pouco diferente da escola de origem, pois nessa eles estudavam em classes especiais. Devido à dificuldade que têm em relação à língua portuguesa, a aprendizagem torna-se mais difícil.
Dificuldades na escola	Os alunos se relacionam bem com os colegas e professores. Para os alunos com deficiência auditiva a comunicação é um pouco restrita, alguns surdos fazem leitura labial e tentam ensinar libras para os ouvintes. Como a maioria dos professores não dominam Libras, fica difícil para os discentes acompanharem a explicação do conteúdo.
Inclusão escolar	Segundos os alunos entrevistados, a escola está no caminho da inclusão, mas ainda falta professores e alunos aprenderem libras. É preciso adequar melhor as atividades para facilitar a participação dos alunos com deficiência auditiva e visual. Eles sugerem ainda que os surdos devessem estudar a língua portuguesa separado dos ouvintes e que a escola poderia oferecer oficinas/reforço de português e matemática.
Direitos da pessoa com necessidades especiais	Os alunos surdos querem estudar, fazer faculdade e ter um bom emprego. Um relatou que gostaria que seus amigos aprendessem libras para conversar com ele e, um outro, ainda gostaria de ajudar os surdos a aprenderem o português.

#### 4.4. Entrevista com a diretora

A análise da entrevista realizada com a diretora levantou dados sobre suas concepções a respeito da inclusão. Suas concepções estão demonstradas no quadro 6.

**Quadro 6. Concepções da diretora sobre a inclusão escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais**

Categoria	Definição
Inclusão escolar	A escola está se adequando para incluir com qualidade todos os educandos, por isso oferece equipamentos adaptados e uma equipe multidisciplinar. Entre as dificuldades encontradas refere-se à necessidade de conscientização de pais e professores para fazer a inclusão acontecer. Por isso a formação continuada dos educadores é fundamental para o sucesso do processo ensino-aprendizagem e para diminuir o preconceito que ainda existe dentro da escola. A diretora avalia que o contato entre alunos “normais” e os considerados diferentes é positiva para a aprendizagem de todos, pois esta acontece nas diversidades.

#### 4.5. Observação direta

A partir das observações foi realizado o protocolo de registro e análise durante uma aula de Educação Física.

**Quadro 7. Protocolo de registro das observações durante a aula de Educação Física**

<b>ATIVIDADE: Aquecimento e participação em uma partida de futebol</b>	
<b>TEMPO: 2h10 (Horário Inicial do Episódio)</b>	
PROFESSOR-P2	ADOLESCENTE
<p>2h10</p> <p>O professor está na quadra com os alunos. Ele propõe aos alunos um aquecimento através de 5 voltas na quadra.</p> <p>O professor vai até os seus materiais e pega alguns objetos.</p> <p>O professor divide os alunos para jogar futebol e convida A1 para apitar o jogo.</p> <p>2h40 - O professor assume agora o papel de juiz no jogo.</p>	<p>A1 (aluno com deficiência física) permanece em sua cadeira de rodas ao lado do professor.</p> <p>Enquanto os alunos se aquecem A1 trabalha com atividades para desenvolver a coordenação motora fina (enfiagem, punção em isopor).</p> <p>A1 aceita.</p> <p>A1 vai jogar dama com algumas colegas.</p>

Na observação durante a aula de Educação Física, percebe-se que a educação inclusiva está se tornando uma realidade nessa escola. Foi possível constatar que o professor leva em consideração as necessidades individuais dos alunos, na hora de planejar e executar as atividades, adequando estas para que todos possam aprender e interagir. O aluno mesmo não tendo condições de participar da partida de futebol, aprende as regras do jogo, alcançando assim os objetivos propostos para aquela aula.

Essa experiência em educação inclusiva demonstra que os alunos podem aprender de forma diferenciada e que somente professores capacitados, preparados e comprometidos com a educação de qualidade para todos, alcançam esse sucesso.

#### **4.6. Discussão dos resultados**

Analisando a primeira categoria – Impactos do diagnóstico na vida familiar – percebe-se através dos depoimentos, que os pais vivenciaram momentos de angústia, medo e tristeza ao descobrirem que o filho apresentava necessidades especiais. Eles relataram que era difícil encontrar uma explicação para aquele diagnóstico.

Mantoan (1997, p.105) compreende os pais, ao relatar que “o nascimento de uma criança pode ser visto por seus familiares como um evento agradável, mas também pode ser vivido como uma experiência emocional estressante.”

Esses sentimentos demonstram que a maioria das famílias não estão preparadas para acolher uma criança com necessidade especiais. Mantoan (1997, p. 14) explica que “a entrada de um membro deficiente na família constitui-se em uma situação traumática e desestabilizante, tendendo a mudar radicalmente o curso da vida e a organização desta família.”

Diante dessa realidade o período de aceitação é um pouco longo e são necessárias algumas adaptações e mudanças no ritmo familiar para amenizar as dificuldades encontradas.

Para Mantoan (1997, p. 105)

O aparecimento do filho deficiente faz ruir todas as fantasias, estabelecendo uma relação afetiva totalmente diversa daquela que é habitual e provocando, muitas vezes, modificações permanentes no ambiente familiar. As famílias mostram de forma significativa as dificuldades em se relacionar e aceitar o elemento deficiente do grupo.

De acordo com os pais, passado esse período de adaptações, tudo se torna mais tranquilo e as crianças vão sendo aceitas e amadas por todos os familiares.

A partir das falas dos pais percebe-se que a chegada de um filho com necessidades especiais, realmente desestrutura a família, provocando mudanças radicais no ambiente familiar. Portanto o tempo é necessário para que a família aprenda a lidar com essa criança e suas diferenças, no entanto sem esquecer o seu papel no desenvolvimento dela.

Campbell (2009, p. 97) afirma que “os pais desempenham um papel decisivo na reabilitação de seus filhos, pois é no ambiente de carinho e apoio que melhor se desenvolve uma criança.” O apoio da criança pela família contribuirá para o seu desenvolvimento e aprendizagem e conseqüentemente para a sua aceitação na sociedade, enquanto cidadão de direitos e deveres.

Em relação à segunda categoria “Educação e aprendizagem” verifica-se que o direito do aluno com necessidades educacionais especiais a uma educação com qualidade, que atenda às suas necessidades, na rede regular de ensino, vem aos poucos se tornando realidade. De acordo Mantoan (1997, p. 30) “na área da educação é imprescindível que o portador de deficiência na idade escolar deva ingressar na rede oficial de ensino em classes normais e não em classes especiais.”

A autora esclarece ainda que as escolas inclusivas devem responder às necessidades de seus alunos. “Deve acomodá-los, normais e deficientes, os ritmos, os estilos de aprendizagem, assegurando-lhe uma educação de qualidade.” (MANTOAN, 1997, p. 212).

Dos professores entrevistados, grande parte trabalha com alunos com necessidades educacionais especiais e acreditam que esses alunos têm condições de aprender, se forem oferecidas as condições necessárias e respeitando suas diferenças e limitações. Dentre essas condições, podemos considerar recursos humanos e materiais que facilitam o processo de inclusão.

Os pais, professores e a diretora que participaram da pesquisa foram unânimes em considerar que a diversidade presente na escola é positiva, pois através das diferenças e trocas de experiências, a aprendizagem se torna mais significativa. Segundo Campbell (2009, p.141) “educação inclusiva defende que a aprendizagem em grupo é a melhor forma de beneficiar a todos, não somente aos alunos rotulados como diferentes.”

Por isso Mantoan (1997, p. 52) relata que “em contato com as crianças normais, os deficientes têm maiores oportunidades de alcançar níveis mais elevados de performances acadêmicas e sociais.”

Alguns discentes com necessidades educacionais especiais relataram que têm aprendido muito na escola regular, mesmo diante das dificuldades; como falta de preparo de alguns professores, falta de materiais adequados e adaptados e as condições físicas do ambiente.

Para Sasaki (2003, p. 119)

A educação em escolas comuns pressupõe a provisão de intérprete e outros serviços de apoio adequados. Serviços adequados de acessibilidade e de apoio, projetados para atender às necessidades das pessoas com diferentes deficiências, devem ser prestados.

O desenvolvimento e aprendizagem verificados pelos pais desses alunos demonstram que a escola e muitos professores têm se preparado para atender com qualidade esses alunos.

Na terceira categoria - Dificuldades na escola - nota-se que estas são enfrentadas por professores, alunos e pais no processo de inclusão escolar. Mantoan (2001, p.8) afirma que “fazer educação inclusiva (pres)supõe vivenciar o olhar de uma humana visão, reforçando-o na ação coletiva de pais, professores e alunos.”

De acordo com a abordagem histórico-cultural o professor precisa ser um mediador entre o aluno e o conhecimento, para isso precisa buscar a formação continuada, para exercer com responsabilidade suas funções.

De acordo com Campbell (2009, p. 151)

O educador não deve ser um mero executor de currículos e programas predeterminados, pois ele tem condições de escolher atividades, conteúdos ou experiências que sejam mais adequadas ao desenvolvimento das capacidades fundamentais do grupo de alunos, tendo em conta seu nível e necessidades.

Durante as entrevistas alguns alunos com deficiência auditiva comentaram suas dificuldades de acompanharem a explicação dos professores, pois estes não dominam libras. Para eles seria mais fácil compreenderem os conteúdos trabalhados, se existisse uma maior interação no processo ensino-aprendizagem.

Esses relatos demonstram que a inclusão escolar exige aperfeiçoamento constante dos professores. Campbell (2009, p.158) esclarece

A educação inclusiva veio tornar mais complexa e mais desafiadora a tarefa dos educadores e evidenciou que sua formação nunca está acabada. Eles precisarão estudar o que antes estavam dispensados de estudar, aprender técnicas nas quais antes não pensavam, adequar seu ritmo ao de seus alunos, aprender a ouvir por outros meios diferentes de audição, terão de rever suas expectativas, as formas de ensinar, avaliar, aprovar, reprovar.

Por falta de conhecimento sobre a área, muitos profissionais relataram que as crianças com necessidades educacionais especiais deveriam frequentar apenas as escolas especializadas, demonstrando assim o preconceito e discriminação em relação a esses alunos.

Mesmo diante de muitos avanços, muitos professores, alunos considerados normais e seus pais ainda rejeitam a frequência dos alunos com necessidades educacionais especiais na escola regular. Carvalho (2003, p. 28) reconhece que “ao lado de muitos educadores que se mostram receptivos e interessados na presença de alunos com deficiência em suas salas, há os que a temem, outros que a toleram e muitos que a rejeitam.”

Com relação aos professores esse preconceito é reflexo de sua impotência diante dos alunos considerados diferentes e das barreiras que dificultam o seu trabalho. Dentre essas dificuldades destacam a condição física, a escassez de recursos materiais e humanos, o pouco tempo para se preparar, falta de colaboração da família e o número excessivo de alunos por turma.

Campbell (2009, p. 154) concorda que os professores necessitam de condições adequadas para realizar bem o seu trabalho

O suporte aos professores de classe comum é essencial para o bom andamento do processo de ensino e aprendizagem e deve criar, gradativamente, uma infra-estrutura de serviços e uma rede de apoio para a superação das suas maiores dificuldades.

A quarta categoria - Direitos da pessoa com necessidades especiais - demonstra que essas pessoas, como qualquer cidadão, possuem direitos que devem ser respeitados por todos. A educação de qualidade, preferencialmente na rede regular de ensino, é um desses direitos garantidos pela Constituição Federal 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN 9394/96.

O acesso ao Ensino Fundamental é um direito humano, e privar pessoas em idade escolar dele, mantendo-as unicamente em escolas ou classes especiais, fere tanto a Constituição como a LDB. (CAMPBELL, 2009, p. 144).

A escola onde foi realizada a pesquisa é aberta a diversidade e acolhe verdadeiramente os alunos com necessidades especiais, existindo o compromisso dos educadores em relação a

esses alunos no planejamento e execução das atividades, como foi observado durante uma aula de Educação Física.

Campbell (2009, p.159) complementa

Professor eficiente é aquele que observa seus alunos, percebendo suas dificuldades, potencialidades, e desenvolve práticas que visam, ao máximo, ao desenvolvimento de cada um e de todos, utiliza métodos diferenciados de ensino e de avaliação, respeitando as limitações de cada um, buscando formas cooperativas e colaborativas que propiciem a integração do conjunto de seus alunos.

Essa não é a realidade de todas as escolas. Pais relataram que tiveram vagas negadas no Ensino Fundamental a seus filhos, na rede regular de ensino, simplesmente porque são alunos diferentes. Campbell (2009, p.144) caracteriza essa situação, quando relata que “a Convenção de Guatemala, de 2001, proíbe qualquer tipo de diferenciação, exclusão ou restrição baseada na deficiência das pessoas e, assim, mantê-las fora do ensino regular é considerado exclusão e, portanto, é crime.”

A educação é apenas um entre, outros direitos humanos (saúde, moradia, trabalho...) que devem ser garantidos a todos, especialmente às pessoas com necessidades educacionais especiais, que são vítimas ainda de uma sociedade excludente. Do ponto de vista de Campbell (2009, 152) “a conscientização popular em relação à responsabilidade ao reivindicar e se fazer cumprir as leis que garantem os direitos das pessoas com necessidades especiais é fundamental.”

A última categoria – Inclusão escolar – retrata a realidade de uma escola que caminha nesse processo. Os professores desta instituição relataram que a inclusão é possível e está se efetivando com o compromisso de todos e a crença de que é urgente fazer diferença na vida de alunos considerados diferentes.

No entanto, essa não é uma tarefa fácil. Para se tornar possível são necessárias condições como professores bem preparados, que saibam utilizar recursos diferenciados, metodologia adequadas para atender aos alunos com necessidades especiais e a parceria entre escola e família.

De acordo com Campbell (2009, p.152) “de fato, construir a educação inclusiva não é tarefa simples, mas factível. Para tanto, é imprescindível garantir a infra-estrutura apropriada de recursos materiais e humanos necessários, suporte e apoio.”



A formação dos docentes durante a graduação deve privilegiar temas relacionados à inclusão escolar. No entanto, como mostrou os dados da pesquisa, poucos têm essa oportunidade. Diante disso é necessário e urgente que as faculdades insiram em seus currículos esses temas e realizem encontros e seminários que abordem a inclusão escolar, como condição para melhor preparar os futuros profissionais para atender aos alunos com necessidades educacionais especiais.

Em consonância com Mantoan (1997, p.30) que afirma que os cursos de Pedagogia precisam investir em temas sobre inclusão escolar, Campbell (2009, p. 154) relata que

É desejável que o curso de formação de professores desenvolva, como núcleo comum e anterior à especialização em uma ou mais áreas específicas de deficiência, uma abordagem não categorizante que englobe todos os tipos de deficiências, fornecendo, assim, uma base de conhecimentos gerais aos futuros professores.

Além dessas condições, para o sucesso dos alunos com necessidades educacionais especiais, são necessários acompanhamentos especializados que muitas vezes não são oferecidos pela escola regular. Dos alunos entrevistados apenas um fazia estes acompanhamentos.

A educação inclusiva exige muito investimento para sua concretização. Apenas o desejo de incluir alunos com necessidades educacionais especiais é muito pouco para atendê-los com qualidade e respeito.

O sucesso da educação depende de conhecimento, estudo e dedicação por parte dos professores e gestores, orientação aos familiares, responsabilidade acadêmica para com o processo de ensino e aprendizado do aluno. Começando pela escola, chegaremos em breve a ser uma sociedade justa, fraterna e inclusiva, onde prevaleça o amor, a solidariedade e o respeito à diversidade.

## V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação inclusiva não é tarefa fácil, e sua efetivação constitui um grande desafio para educadores, pais, alunos e gestores. Repensar o processo de ensino-aprendizagem pautado nas diferenças e limitações de cada sujeito, significa ultrapassar os limites do preconceito e da discriminação, revendo o processo em sua totalidade, oferecendo o mínimo necessário para que todos tenham as mesmas oportunidades de se desenvolverem e alcançarem seus objetivos.

É inquestionável o direito dos alunos com necessidades educacionais especiais de frequentar as turmas regulares, no entanto na prática isso não tem sido tão simples e apenas a frequência é muito pouco se não forem consideradas as especificidades de cada aluno e garantidos os recursos materiais e humanos necessários para atendê-los.

É necessário e urgente um olhar diferenciado sobre a educação inclusiva, que extrapole as práticas tradicionais, transformando a escola em um espaço de descobertas, trocas de experiências e aprendizagens significativas.

De acordo com os dados desse estudo, verificou-se que a grande maioria dos professores, gestores, alunos com necessidades educacionais especiais e pais desses alunos, acreditam no processo de inclusão, e até arriscam em dizer que ele é uma realidade, porém é preciso continuar, em meio a tantas dificuldades e barreiras, buscando possibilidades para tornar esse processo real para todos.

Nesse sentido um caminho apontado nesse trabalho e que tem se mostrado eficaz é investir na formação do profissional da educação. É preciso professores mais preparados e seguros para trabalharem em contextos inclusivos, sendo verdadeiros mediadores do processo ensino-aprendizagem.

Após esse estudo fica claro que é possível incluir os alunos com necessidades educacionais especiais nas turmas regulares, garantindo a qualidade do ensino e respeito às diferenças. Essa é a realidade da escola onde foi realizada a pesquisa.

Busca-se com esse trabalho abrir os olhos dos professores, abrindo um espaço para reflexões, para que repensem e mudem o curso de suas práticas pedagógicas e se sintam corresponsáveis pela efetivação da inclusão escolar.

Naturalmente não se esgotam nesse trabalho, as perguntas, as dúvidas, porque a pesquisa continua em busca de novas opiniões, reflexões e soluções, atribuindo ao processo inclusivo sua importância na construção de cidadãos melhores a cada dia.

Estudos na área precisam e devem ser realizados, uma vez que este é apenas um passo nessa longa caminhada para a inclusão e através de pesquisas, trocas de experiências, é possível verificar as mudanças acontecerem, mesmo que pareçam lentas. Nessa caminhada necessária e urgente todos podem e são convidados a colaborar.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – **LDB n°9394**, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, 23 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB 2/2001**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 10/03/2011.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Brasília, Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Política Pública de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>>. Acesso em: 10/03/2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Justiça/CORDE. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educacionais especiais**. Brasília, 1994.

CAMPBELL, Selma Inês. **Múltiplas faces da inclusão**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem**. 3. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CROSARA, Ana Paula e VITAL, Flávia Maria de Paiva. **A Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência comentada**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2008. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/sedh/corde>. Acesso em 05/03/2011 às 18h.

KELMAN, Celeste Azulay. **Sociedade, educação e cultura**. Material didático não publicado. Brasília: Universidade Aberta de Brasília, 2009.

LIMA, Elvira de Souza. **Currículo e desenvolvimento Humano**. In: MOREIRA, Antônio Flávio e ARROYO, Miguel. **Indagações sobre currículo**. Brasília: Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, nov. 2006, p.11-47.

KELMAN, Celeste Azulay; MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane *et al.* **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: UnB, 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: SENAC, 1997.

\_\_\_\_\_. **Caminhos pedagógicos da inclusão: como estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras**. São Paulo: Memnon, 2001.

PAULO, Antônio de. **Constituição Federativa do Brasil**. 12. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Construindo uma sociedade para todos**. 4. Ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

SILVA, Daniele Nunes Henrique; RIBEIRO, Júlia Cristina Coelho; MIETO, Gabriela. O aluno com deficiência intelectual na sala de aula: considerações da perspectiva histórico-cultural. In: KELMAN, Celeste Azulay; MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane *et al.* **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: UnB, 2010. P. 205-220.



Ensino Fundamental, 1º e 2º anos       Educação especial

**6. Em sua formação inicial, teve alguma(s) disciplina(s) que o preparasse para a docência com alunos com necessidades educacionais especiais?**

Sim                                       Não

**7. Se você obteve esta formação, como a avalia?**

Insuficiente                               Muito boa

Boa     Excelente

**8. Em sua trajetória profissional, tem participado de cursos (formação continuada) na área de educação inclusiva?**

Sim     Não

**9. Em relação a educação inclusiva, você a considera:**

Impossível

Difícil, mas possível

Uma realidade distante do meu trabalho

Considero como uma forma de educação que só pode ser realizada em escolas especializadas.

Outro \_\_\_\_\_

**10. Em sua turma tem alunos com necessidades educacionais especiais?**

Sim                       Não                      Quantos? \_\_\_\_\_

**11. Como você avalia a matrícula desses alunos nas turmas regulares?**

Eles prejudicam o desenvolvimento/rendimento da aula

Positiva, nas diferenças a aprendizagem se torna mais significativa

Indiferente

Outro \_\_\_\_\_

**12. Em sua opinião, todos os alunos têm condições de aprender?**

Sim

Sim, dependendo das condições oferecidas a cada um

- Alguns alunos não aprendem
- outro \_\_\_\_\_

**13. Você utiliza estratégias diferenciadas para atender aos alunos com necessidades educacionais especiais?**

- Sempre
- Na medida do possível
- Não, trato todos de forma igual
- Não sei trabalhar de forma diferenciada

**14. Qual é sua maior dificuldade para trabalhar com os alunos com necessidades educacionais especiais?**

- Condições físicas do espaço escolar
- Escassez de recursos humanos e materiais didáticos específicos
- Pouco tempo para se preparar para trabalhar com esses alunos
- Número excessivo de alunos por turma
- Falta de apoio da família
- Falta de apoio da direção e SME.

**15. A escola, na qual você atua, está preparada para a inclusão?**

- Sim  Não

**16. Que recursos a escola oferece para atender os alunos com necessidades educacionais especiais?**

- Oficinas extraclasse
- Intérpretes
- Monitores
- Projetos
- Sala de recursos multifuncionais
- Outros \_\_\_\_\_

**17. Em sua opinião, quem tem mais resistência ao aluno com necessidades educacionais especiais frequentando o ensino regular?**

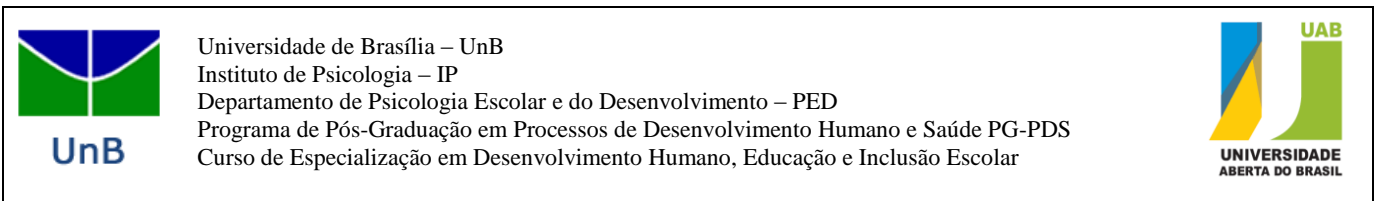


- O aluno com necessidades educacionais especiais
- O professor do ensino regular
- O diretor
- Os pais do aluno com necessidades educacionais especiais
- Os outros alunos
- Os pais dos outros alunos

**18. Que condição considera mais relevante para que seja possível a realização de um efetivo processo de inclusão.**

- Atitudes dos professores
- Avaliação/acompanhamento dos alunos
- Metodologia de ensino
- Formação específica para trabalhar com os alunos com necessidades educacionais especiais
- Técnicos especializados
- Materiais e recursos

## B – ENTREVISTA COM A DIRETORA DA ESCOLA



Com o objetivo de analisar o processo de inclusão na Escola X de Ipatinga, solicito a participação da equipe diretiva, através dessa entrevista. Esta pesquisa de campo é parte integrante da pesquisa do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar pela Universidade de Brasília-UAB/UNB.

Obrigada pela participação!

Marilene Herculano de Oliveira

### Identificação

Formação acadêmica: \_\_\_\_\_ Tempo de docência: \_\_\_\_\_

Tem formação específica em educação especial?-----

1) Mantoan defende que “A escola de inclusão é aquela que não está formatada para o grupo, mas aquela que se molda a cada um.”

Você considera sua escola inclusiva? Justifique.

2) Que recursos humanos e materiais são utilizados para atender aos alunos com necessidades educacionais especiais?

3) Quais são as dificuldades e problemas enfrentados pela direção da escola, para atendimento das necessidades educacionais especiais?

4) O que você acha que pode melhorar ou ainda falta na escola para atender aos alunos com necessidades educacionais especiais?

5) Você concorda que o aluno “especial” em contato com os alunos considerados “normais”, tem mais oportunidade de adquirir conhecimento e desenvolver-se cognitivamente?

6) Em sua opinião, quem tem mais resistência aos alunos com necessidades educacionais especiais? Justifique.

7) Como trabalhar o preconceito dentro da escola?

8) Que condições considera mais relevantes para que seja possível a realização de um efetivo processo de inclusão?

## C – ENTREVISTA COM PAIS DE ALUNOS

	<p>Universidade de Brasília – UnB          Instituto de Psicologia – IP          Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED          Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PG-PDS          Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar</p>	
--	---	--



Com o objetivo de analisar o processo de inclusão na E. M. “Altina Olívia Gonçalves, solicito sua participação, como pai/responsável do aluno especial, através dessa entrevista. Esta pesquisa de campo é parte integrante da pesquisa do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar pela Universidade de Brasília-UAB/UNB.

Obrigada pela participação!

Marilene Herculano de Oliveira

- 1) Como foi para você, para os irmãos e demais familiares, reconhecer a criança como uma pessoa com necessidades educacionais especiais?
- 2) Que mudanças e/ou adaptações foram efetivadas na vida familiar após o diagnóstico da criança?
- 3) Como é o relacionamento da criança ou do (a) adolescente com a família?
- 4) Você acredita no processo de inclusão dos (a) alunos (a) com necessidades educacionais especiais? Considera seu (ua) filho (a) incluído na escola onde estuda?
- 5) A criança ou o (a) adolescente frequenta uma escola pública de Ipatinga, estando matriculada numa turma regular do Ensino Fundamental.  
O (a) aluno (a) gosta dessa instituição de ensino? Justifique.
- 6) Como avalia a qualidade da escolarização do (a) aluno(a)?
- 7) A instituição possui infra-estrutura adequada para a necessidade do (a) aluno (a)? O que você acha que pode melhorar ou ainda falta na escola para atender aos alunos com necessidades educacionais especiais?
- 8) Como você participa da vida escolar de seu (ua) filho (a)? Como acontece a interação entre família e escola?
- 9) O (a) aluno (a) faz tratamento ou acompanhamento com profissionais especializados? Quais?
- 10) O (a) aluno (a) frequenta outros projetos educacionais de ensino? Como você avalia a colaboração desses projetos na aprendizagem dos alunos?
- 11) Houve algum momento em que você teve que cobrar de algum membro da sociedade uma postura diferenciada em relação à socialização, a aceitação e escolarização de seu (ua) filho(a) com necessidades educacionais especiais?
- 12) Como você imagina o futuro do seu (ua) filho(a)?

## D – ENTREVISTA COM OS ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

 <p>UnB</p>	<p>Universidade de Brasília – UnB          Instituto de Psicologia – IP          Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED          Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PG-PDS          Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar</p>	 <p>UAB          UNIVERSIDADE          ABERTA DO BRASIL</p>
--	---	--

Com o objetivo de analisar o processo de inclusão na Escola X, solicito sua participação, como aluno especial, através dessa entrevista. Esta pesquisa de campo é parte integrante da pesquisa do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar pela Universidade de Brasília-UAB/UNB.

Obrigada pela participação!

Marilene Herculano de Oliveira

### Identificação

Nome: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

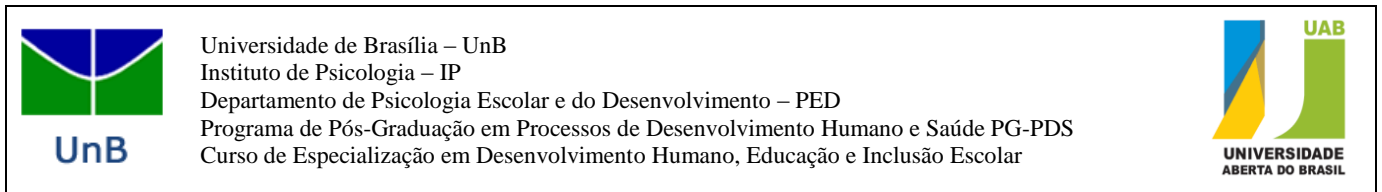
Série: \_\_\_\_\_

Deficiência(s): \_\_\_\_\_

- 1) Há quanto tempo estuda nesta escola? Gosta dessa instituição? Justifique.
- 2) Estudou em outras instituições? Sentiu alguma (s) diferença (s) entre elas? Quais?
- 3) Você participa de outros projetos educacionais? Quais e onde? Como você avalia a colaboração desses projetos em sua aprendizagem?
- 4) Quais são suas maiores dificuldades na escola?
- 5) Como é seu relacionamento com os colegas da turma e com os demais alunos da escola? Prevalece o respeito ou ainda sofre com atos discriminatórios?
- 6) Em sua opinião, esta escola é adequada para atender as suas necessidades? O que você acha que pode melhorar ou ainda falta na escola para atender aos alunos com necessidades educacionais especiais?
- 7) Você participa de todas as atividades propostas pelos professores? Eles fazem algum tipo de adaptação ou atividades diferenciadas?
- 8) Qual é o seu grande sonho?

## ANEXOS

### A - Carta de Apresentação – Escola (Modelo)



Ao (À) Diretor(a)

Escola Municipal “João Miguel” (NOME FICTICIO)

De: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Assunto: **Coleta de Dados para Monografia**

Senhor(a), Diretor(a),

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização da 1ª oferta do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do qual o município de Ipatinga faz parte. Finalizamos agora a 1ª fase do curso e estamos iniciando a Orientação de Monografia.

È requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista, observação e análise documental.

A realização desses trabalhos tem como objetivo a formação continuada dos professores / servidores da rede pública, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

O trabalho será realizado pela Professora cursista Marilene Herculano de Oliveira sob orientação da Professora Sílvia Ester Orrú, cujo tema é: “A ARTE DE INCLUIR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES” para que possa ser desenvolvido na escola.

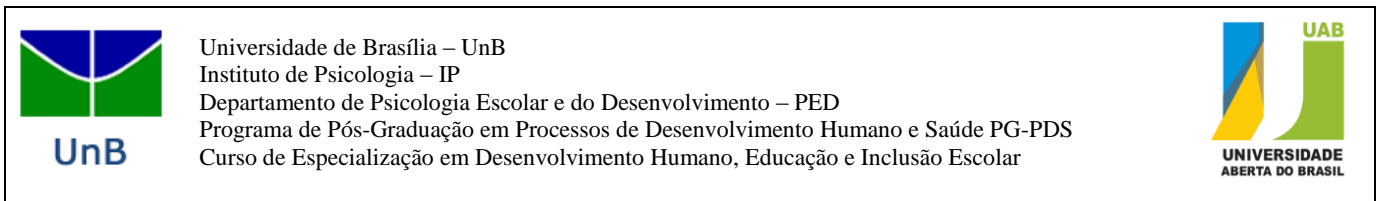
Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

**Diva Albuquerque Maciel**

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano,  
 Educação e Inclusão Escolar

B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Diretora e professores



### ***TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO***

O(A) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “**A arte de incluir: desafios e possibilidades**, de responsabilidade da pesquisadora Marilene Herculano de oliveira, orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília (UAB-UnB).

Este estudo tem o objetivo de analisar a inclusão escolar, verificando as dificuldades enfrentadas pelos envolvidos nesse processo e caminhos para a efetiva inclusão. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos.

Constam da pesquisa observações das situações cotidianas e rotineiras da escola em relação à inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais nas turmas regulares, questionário para os professores e entrevistas com a equipe diretiva, alunos especiais e seus pais, no intuito de coleta de dados necessários para este estudo. Para isso, solicito sua autorização em participar como objeto de estudo.

Esclareço que a participação é voluntária. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

---

Marilene Herculano de Oliveira

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

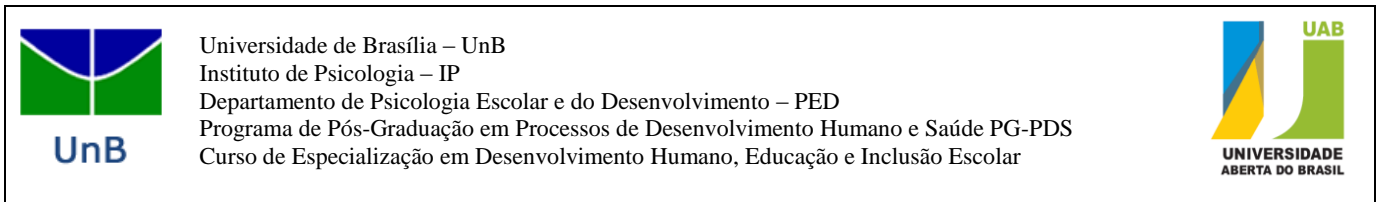
Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “A arte de incluir: desafios e possibilidades, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Marilene Herculano de Oliveira sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento.

Local data \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura do sujeito ou responsável: \_\_\_\_\_

## C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais



***TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO***

O(A) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “**A arte de incluir: desafios e possibilidades**, de responsabilidade da pesquisadora Marilene Herculano de Oliveira, orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília (UAB-UnB).

Este estudo tem o objetivo de analisar a inclusão escolar, verificando as dificuldades enfrentadas pelos envolvidos nesse processo e caminhos para a efetiva inclusão. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos.

Constam da pesquisa observações das situações cotidianas e rotineiras da escola em relação à inclusão dos alunos especiais nas turmas regulares, questionário para os professores e entrevistas com a equipe diretiva, alunos especiais e seus pais, no intuito de coleta de dados necessários para este estudo. Para isso, solicito sua autorização em participar como objeto de estudo.

Esclareço que a participação é voluntária. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

---

Marilene Herculano de Oliveira



**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, abaixo assinado, responsável pelo (a) aluno (a) \_\_\_\_\_ concordo com a participação do mesmo no estudo “A arte de incluir: desafios e possibilidades, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Marilene Herculano de Oliveira sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento.

Local e data \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura do responsável: \_\_\_\_\_